

**Leonardo Macarenhas**

Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG, Brasil)

leo.macarenhas@gmail.com

**Dimitri Toledo**

Universidade Federal de Alfenas

(UNIFAL, Brasil)

dimitri.toledo@unifal-mg.edu.br

**Alexandre de Pádua Carrieri**

Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG, Brasil)

guiar.paduacarrieri@terra.com.br

**Universidade Federal do Espírito Santo**

**Endereço**

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras

29.075-910, Vitória-ES

gestaoeconexoes@gmail.com

gestaoeconexoes@ccje.ufes.br

http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm

**Coordenação**

Programa de Pós-Graduação em  
Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

**Artigo**

Recebido em: 09/12/2014

Aceito em: 11/03/2015

Publicado em: 11/12/2015

# COM QUANTAS ARMAS (DE FLORES E DE LOUCOS) SE FAZ UMA MÁQUINA DE GUERRA?

## HOW MANY WEAPONS (OF FLOWERS AND OF CRAZY ONES) ARE NECESSARY TO MAKE A WAR MACHINE?

---

### RESUMO

O mundo não anda nada bem, e isso não é nenhuma novidade. Por toda parte, as coisas parecem piorar cada vez mais: o consumo excessivo adoecendo todo mundo e acabando com o planeta, a exclusão social, a miséria, a violência, a intolerância.... Não precisamos ir muito longe para perceber que aquelas velhas promessas de igualdade, felicidade, progresso e liberdade deram em nada. Seja qual for a matriz teórico-epistemológica, os diagnósticos são os mesmos. Diante disso, procuramos, neste ensaio, problematizar as condições de produção de projetos políticos revolucionários nos tempos atuais e interrogar sobre as possibilidades de ruptura e transformação radical do sistema capitalista vigente. A partir das contribuições da esquizoanálise de Deleuze e Guattari, nos perguntamos: ainda existe lugar no mundo para alguma grande revolução?

**Palavras-chave:** Revolução; Capitalismo e esquizofrenia; Resistência.

---

### ABSTRACT

In organizations, particularly industrial, innovation can be influenced by internal and external elements. Aspects involving transactional issues of negotiations, as partnerships for innovation, should be better understood, therefore often determine the company's option to generate innovations or acquire market. In this sense, the objective of this research is to analyze how transaction costs affect the degree of openness of the innovation process. The methodology was qualitative, by analyzing the contents of semi-structured interviews in machine business for furnishings and agricultural machinery, and implements, and implantology. The results show conflicting factors when national innovation systems were analyzed, as well as lack of dialogue and delays in the partnerships formed by Brazilian universities and research institutes, and disability in the national supply chain.

**Keywords:** Innovation; Transaction Costs; National Innovative Systems.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu de vários incômodos. Incômodo com o que se percebe sendo a realidade social do mundo, a partir da observação diária ou da leitura de tantos diagnósticos tão bem escritos e de análises tão profundas, e premiadas e inspiradoras. Tanto faz. A questão é que, “cientificamente” fundamentada ou não, a constatação de uma realidade excludente, injusta e perversa de tantas formas é inequívoca.

Nasceu também do incômodo provocado por se ver tantas tentativas de mudança, frases de efeito, intelectuais engajados, mobilizações e campanhas contra o que quer que seja, sem dar em nada. E nasceu, finalmente, da constatação de que esses incômodos são também nossos, que partilhamos algumas convicções semelhantes, e que nos convém melhor elaborar. Tudo isso resultou neste breve ensaio, que não tem o propósito de elucidar, mas de provocar: inquietos, convidamos o leitor a refletir sobre os elementos que atravessam as tentativas de cunhar projetos políticos ditos revolucionários que sejam capazes de incitar uma ruptura com o sistema capitalista vigente.

Quais as condições dadas hoje que nos permitem continuar a pensar na Revolução? Seria possível, hoje, ainda acreditarmos na possibilidade de uma transformação ampla e irrestrita do nosso sistema social, na demolição do modo de produção capitalista? Quais os papéis e lugares as esquerdas podem assumir e inventar atualmente? Tais são as perguntas que nos fazemos e que nos animam a escrever.

Escrevemos este ensaio não para consagrar alguma interpretação da realidade supostamente melhor do que outras, ou para confirmar algo que já sabemos. Pelo contrário: escrevemos para transformar aquilo que pensamos que sabemos, para colocarmo-nos em movimento, chacoalhar ideias e incômodos. Pensar através do exercício de escolher e estacionar provisoriamente algumas palavras no papel para que elas possam, a partir desse processo, adquirir novos sentidos, lugares, cores e formas...

Parafraseando Marx e Engels (1999, [1848]), poderíamos dizer que um espectro ronda o capitalismo: o espectro do desejo. Todas as potências do mercado unem-se numa “Santa Aliança” para conjurá-lo: os publicitários e os banqueiros, Angela Merkel e Barack Obama, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), o Facebook e as demais redes sociais, a Igreja Universal do Reino de Deus, a cultura do bem-estar e da promoção à saúde, a pornografia e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Todo um conjunto de relações, práticas, discursos, continuidades, desdobramentos, ciladas e precipícios políticos e ideológicos

que tornam praticamente impossível algum grito parecido com “incomodados de todos os países, uni-vos!”. Mas, se um certo mal-estar parece ficar cada dia mais forte e inescapável na nossa civilização – é o que arriscamos dizer, sem fiadores teóricos por agora –, o que impede que esse grito seja pronunciado?

Partamos de um lugar anacrônico: longe de propormos uma revisão histórica ou teórica das revoluções, queremos tão somente sinalar o que elas representam hoje – seus limites intrínsecos e extrínsecos, seus desafios e possibilidades. Vamos, portanto, nos ater a uma discussão mais contemporânea. Poder-se-ia mesmo falar numa certa tendência que acomete os estudos de inclinação crítica e política nas Ciências Sociais, particularmente nos estudos organizacionais, em que temas como subjetividade, estudos de gênero, ecologia de saberes, apropriações dos espaços públicos, direito às cidades, (des)naturalização de formas diversas de opressão, entre outros, são apresentados como a vanguarda do pensamento intelectual. São todos temas que definitivamente entraram para a agenda dos mais renomados intelectuais da área e mantêm interfaces cada vez mais fortes com a Psicologia Social, o Direito, a Filosofia Política, a Sociologia, entre outras áreas do conhecimento. Fato é que se ensaia um “retorno ao sujeito”, naquilo que perfaz suas possibilidades de emancipação e expressão.

Nesse sentido, pode-se perceber que, muitas vezes, há a reprodução de um pensamento dialético que busca restituir o sujeito oprimido de um discurso supostamente perdido (ou nunca adquirido) e colocá-lo em condições de romper, mesmo que parcialmente, com as estruturas que o oprimem. Em outras palavras, esse “novo sujeito” seria capaz de ressignificar os fenômenos sociais, dotando-os de novos sentidos que lhe possibilitam simbolizar a realidade e se situar no mundo de formas mais dignas. Como exemplo, podemos citar a forte tendência à valorização e ao diálogo entre os diversos saberes, do acadêmico ao popular, que confere voz e legitimidade ao discurso de grupos e indivíduos antes impossibilitados de produzir qualquer enunciado. Essa fala restituiria a eles um lugar no mundo talvez nunca conquistado. Outro exemplo é o processo histórico de reformulação e institucionalização dos movimentos sociais no Brasil na década de 1990, dispostos em vários grupos de minorias que buscam outras formas de inserção social, econômica, política e cultural.

Entretanto, todas essas novas tendências são microemancipatórias e, portanto, insuficientes para promover uma ruptura radical com o sistema social vigente. Propomos, então, discutir se ainda é possível desejar a construção de um projeto político revolucionário de caráter totalizante e uno, capaz de incitar uma ruptura com

o sistema capitalista vigente, ou se não seria necessário reformularmos esse desejo de forma a aceitar essa mutabilidade, transitoriedade e parcialidade dos processos sociais. Nesse sentido, apresentamos as contribuições da esquizoanálise de Deleuze e Guattari, para se pensar a construção de novos mundos.

## 2. “OS ANÉIS DE UMA SERPENTE SÃO AINDA MAIS COMPLICADOS DO QUE OS BURACOS DE UMA TOUPEIRA”<sup>1</sup>

Se, em alguns espaços sociais, é cada vez mais forte a sensação de que as coisas não andam bem, que o meio ambiente definha, que a quantidade de pessoas pobres aumenta vertiginosamente e que é quase consenso apontar como principal culpado dessa situação o sistema de produção capitalista, por que é tão difícil atualmente fazer uma grande revolução? O que aconteceu com os revolucionários do passado? Quais são os nossos heróis do presente? Onde foram parar os novos Ghandis, Guevaras e Lênins, que nunca chegaram a aparecer? Talvez, devêssemos admitir que Michel Melamed estava certo: “jáinda. Não se fazem mais antigamentes como futuramente” (MELAMED, 2005, p. 37-39).

Responder a todas essas questões seria muito pretensioso. O que faremos, neste ensaio, é discutir algumas nuances que parecem se relacionar com essas questões, atravessando-as com questionamentos que possam produzir novos sentidos. Porque, se uma revolução não se faz apenas com palavras, também não será sem reinventá-las que qualquer ação tomará forma nessa loucura que virou o mundo.

De saída, opomo-nos às velhas liturgias e às retóricas desgastadas das militâncias esquerdistas, que continuam a desfigurar os grandes nomes do passado – Marx, principalmente, que possivelmente teria virado um peão desgovernado se pudesse se revirar na tumba. Também olhamos com desconfiança a maioria dos intelectuais críticos, que parecem nada mais fazer que alimentar a máquina capitalista com saborosas teorias e produzir críticas domesticadas ao sistema, mesmo quando dizem que não estão produzindo críticas domesticadas ao sistema.

Contudo, vamos tentar aqui separar o bebê da água suja. Não se trata de “encontrar a teoria correta”, mas de buscar novos lugares de enunciação, novas formas que tornem o discurso e a prática de esquerda mais efetivos – independentemente dos autores utilizados. Se é verdade que temos lá nossas críticas a vários pensadores críticos, também o é que os nossos repertórios não são muito diferentes desses que criticamos, quer dizer, nós também carecemos de ferramentas para fazer diferente.

Retomando nosso argumento: uma das maiores dificuldades para a criação de um projeto revolucionário nos parece ser a ausência de inimigos claros e bem delimitados. Quem é o “sistema capitalista”? Onde ele se manifesta ou esconde? Como atua? Uma vez mais, a revolução parece traída pelas intermináveis perguntas.

Do ponto de vista acadêmico-epistemológico, essa “ausência de personificação” pode ser entendida como resultado de várias elaborações teóricas tachadas de pós-modernas ou pós-estruturalistas que, embora carreguem consigo o mérito de matizar a antiga relação dominante-dominado, transformando-a em formas mais relacionais, dinâmicas e pulverizadas de opressão, apresentam o problema de desintegrar o inimigo que antes era muito bem demarcado: a burguesia<sup>2</sup>.

No que se refere ao mundo do trabalho, algumas mudanças podem ser facilmente observadas: se, até o início do século XX era possível visualizar sem enganos onde se dava a opressão, hoje, é cada vez mais difícil fazê-lo. Nas fábricas tayloristas e fordistas, não havia dúvida de que era preciso combater a exploração sobre o trabalhador, os maus-tratos a que eram forçados, a fome e a pobreza dos desempregados. Tudo era completamente visível. Mas, na era dos microchips e da “empregabilidade”, o algoz se tornou o próprio trabalhador. A competição entre os indivíduos atingiu limites extremos, a culpa pela derrota no jogo capitalista foi perversamente imputada ao próprio indivíduo que compete, e não mais ao sistema que determina as regras do jogo. Competir virou a única possibilidade; vencer, a única saída.

Foucault (1993; 1996) deflagrou essa invisibilidade do controle social. O panóptico de Bentham, aquele temível projeto que inscreveu a arquitetura na economia e na política (FOUCAULT, 1996), foi certamente o emblema de uma sociedade que se fazia por confinamentos e que colocava os corpos sob uma visibilidade e vigilância total. As sociedades disciplinares conseguiram disseminar os confinamentos por toda parte:

Foucault situou as sociedades disciplinares nos séculos XVIII e XIX; atingem o seu apogeu no início do século XX. Elas procedem a organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. [...] Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço;

---

<sup>1</sup> Conforme Deleuze (1992, p. 226).

<sup>2</sup> Utilizamos a palavra “burguesia” aqui apenas para efeito alegórico, sem conotações ideológicas ou teóricas. Equivale a dizer “classe dominante”, donos dos meios de produção ou, mais precisamente, todos aqueles que, como alertamos no início, “se unem numa ‘Santa Aliança’ para conjurar o desejo”.

ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares (DELEUZE, 1992, p. 219).

A falência das disciplinas vem se desenvolvendo pouco a pouco desde meados do século XX e, hoje, já é possível perceber os novos dispositivos: estamos nos transformando numa sociedade de controle. Os sistemas fechados (casa, escola, fábrica...) gradativamente dão lugar a sistemas abertos, nos quais nunca se termina nada, passa-se de uma instituição a outra de modo absolutamente fluido e vazio; o sujeito já não se define socialmente por ser um número numa massa, agora, ele é um indivíduo cifrado, foi fragmentado em mil pedaços que são disputados por fatias de mercado: bancos, supermercados, agências de viagem, todos querem um pedaço do sujeito.

Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. [...] A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa, e dos sindicatos que mobilizavam uma massa de resistência; mas a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexprimível como a emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo (DELEUZE, 1992, p. 221).

Nosso momento atual é de passagem de um modelo social a outro, das disciplinas aos controles, mas sobretudo é um momento de coexistência. É possível identificar efeitos e processos de confinamento e disciplina a um só tempo. Não obstante, os controles se disseminam e se intensificam por toda parte. A escola se transforma, cada vez mais, numa empresa que “vende” serviços de educação; a prisão dá lugar às penas alternativas; os hospitais são substituídos pelo “médico da família” e por tratamentos preventivos fora do hospital; o corpo, cada vez mais, é objeto de práticas biopolíticas, das quais podemos ressaltar o controle *farmacopornográfico*<sup>3</sup>; a empresa transferiu os escritórios para dentro das casas dos seus funcionários, que, hoje, trabalham incessantemente com o carro, o celular e o notebook fornecidos pela empresa; o tempo, cada vez mais, é vivido de forma fragmentada e acelerada, e por toda parte há um excesso de tarefas cotidianas que provocam um crescente esgotamento. A toupeira monetária, que simbolizava as moedas de ouro e o dinheiro das sociedades disciplinares, deu lugar à serpente e às trocas flutuantes da sociedade de controle.

Ora, muito além da cifragem dos corpos e da diluição dos mecanismos de controle, parece estar em execução uma espécie de *fascismo* generalizado. A máquina

---

<sup>3</sup> É o que sugere Preciado (2008) ao analisar como o capitalismo atual exerce um controle sobre as subjetividades com base na mais acurada gestão da libido e da drenagem e “resolução” de estados mentais, como a euforia, a excitação e o relaxamento, a partir de produtos farmacopornográficos, como o Prozac, a testosterona, o Viagra, a insulina, o álcool, o tabaco, a cocaína etc.

capitalista é, em verdade, muito mais cruel do que se deixa entrever: ela coopta e registra tudo, das formas e estruturas sociais à psique dos indivíduos. Fomos todos envenenados com o que poderíamos denominar de “fascismo capitalístico”: de forma análoga ao fascismo de Mussolini ou de Hitler – que tão eficientemente fez guiar as massas e levar qualquer soldado a jurar estar fazendo a coisa certa –, estamos todos presos e alienados, sem que percebamos, nos mais ínfimos espaços e pensamentos. Acreditamos que estamos buscando algum objetivo ou sentido de vida que seja no mínimo não prejudicial ao outro, que estamos fazendo a coisa certa quando nos esforçamos por uma posição social melhor, sem perceber que o sistema cobra o seu preço lá na outra ponta, a dos excluídos sociais, que, em seguida, tentamos tornar invisíveis para não nos provocar transtornos de consciência. Reproduzimos nos mínimos detalhes as formas de exclusão e injustiça social que juramos combater; respondemos de forma mais ou menos parecida ao soldado guiado pelo discurso fascista àquele que se tornou o nosso grande orador e senhor infalível: o capitalismo de consumo. Sequestraram o nosso desejo, impuseram-lhe condições para que pudéssemos desejar qualquer coisa, determinaram onde e quando nosso desejo pode e deve aparecer.

O inimigo se infiltrou por toda parte, ele secretou uma imensa interzona pequeno-burguesa para atenuar o quanto for possível os contornos de classe. A própria classe operária está profundamente infiltrada. Não apenas por meio dos sindicatos pelegos, dos partidos traidores, socialdemocratas ou revisionistas... Mas infiltrada também por sua participação material e inconsciente nos sistemas dominantes do capitalismo monopolista de estado e do socialismo burocrático. [...] os trabalhadores reendossam mais ou menos passivamente os modelos sociais dominantes, as atitudes e os sistemas de valor mistificadores da burguesia – maldição do roubo, da preguiça, da doença, etc. Eles reproduzem, por conta própria, objetos institucionais alienantes, tais como a família conjugal e o que ela implica de repressão intrafamiliar entre os sexos e faixas etárias... (GUATTARI, 1981, p. 12-13).

Daí a nossa desconfiança para com o nosso próprio discurso: é que nós, intelectuais e revolucionários, temos dificuldade de reconhecer a nossa participação nesse complexo jogo de relações. Teimamos em nos querer “críticos” o suficiente, ou à margem suficiente. O mais triste e odioso desses pretensos super-heróis é a certeza hipócrita com que denunciam essas formas de opressão, como se também não fossem sujeitos a ela; daí sempre se falar em subjetividade ou emancipação na pele dos excluídos: desempregados, loucos, moradores de rua, prostitutas, negros, indígenas, homossexuais etc., como se as formas de subjetividade desses intelectuais não fossem tão precárias e ridículas quanto quaisquer outras.

O resultado deste trabalho é a produção em série de um indivíduo que será o mais despreparado possível para enfrentar as provas importantes de sua vida. É completamente desarmado que ele enfrentará a realidade, sozinho, sem recursos, emperrado por toda esta moral e este ideal babaca que lhe foi colado e do qual ele é incapaz de se desfazer. Ele foi, de certo modo, fragilizado, vulnerabilizado, ele está

prontinho pra se agarrar a todas as merdas institucionais organizadas para o acolher: a escola, a hierarquia, o exército, o aprendizado da fidelidade, da submissão, da modéstia, o gosto pelo trabalho, pela família, pela pátria, pelo sindicato, sem falar no resto... Agora, toda a sua vida ficará envenenada em maior ou menor grau pela incerteza de sua condição em relação aos processos de produção, de distribuição e de consumo, pela preocupação com seu lugar na sociedade, e o de seus próximos. Tudo passa a ser motivo de grilo: um novo nascimento, ou então “a criança não vai muito bem na escola”, ou ainda “os mais grandinhos se enchem e aprontam mil loucuras”; as doenças, os casamentos, a casa, as férias, tudo é motivo de aborrecimento... (GUATTARI, 1981, p. 13-14)

Como um câncer que controla e faz agonizar todo o corpo, o fascismo capitalístico nos direciona a uma vida completamente destituída de sentido, completamente agenciada por máquinas capitalistas, em que os nossos desejos nunca conseguem aparecer. Por esse motivo, somos todos acometidos por faltas e vazios inexplicáveis, cada vez mais frequentes, e que são, vez em quando, suavizados com discursos revolucionários sem o mínimo de viabilidade ou vontade de se fazer, ou por pretensas ações sociais que nada mais fazem que pagar nossa culpa social e realimentar o sistema. O mundo não mudará com simples doações aos organismos de defesa do meio ambiente. Esse tipo de prática ou de retórica (“A mudança precisa ser estrutural”; ou “Precisamos investir na educação”; ou “O problema da educação é estrutural...”) não resolvem nada. E, enquanto isso, continuamos consumindo e correndo atrás de um degrau mais alto na hierarquia social.

### 3. TODOS NÓS, NUS, NA RUA, NO MEIO DO REDEMOINHO...

A forma mais radical de revolução: aquela que desestabiliza as estruturas sociais e psíquicas, que provoca uma implosão do pensamento em favor da liberdade – quase uma experiência da loucura.

Capitalismo e esquizofrenia: estamos, certamente, num campo delicado, do qual já já precisaremos nos desviar. Mas não há como não o espiar pelas frestas, lançar-lhe um olhar curioso: Por que relacionar revolução e loucura? Quais as aproximações, diálogos, rupturas, prolongamentos são possíveis aí? O que podemos aprender com as experiências da loucura, com suas linhas desconexas? <sup>4</sup>

Uma estratégia: o Corpo Sem Órgãos (CsO). Ele é, justamente, aquilo que pode interromper o fluxo da máquina capitalista, fazer cessar temporariamente essas formas de microfascismo que recaem sobre nós, porque, poderíamos dizer, tudo se

---

<sup>4</sup> Há vários perigos aqui: primeiro, o de reintroduzir o fascismo sob a forma de tradução do argumento esquizo: um enquadramento da linguagem em detrimento da criação e da própria experiência da loucura. Outro perigo: o de escorrermos para os domínios da clínica, nos perdendo nas dimensões do sofrimento psíquico. Finalmente, corremos o risco de sermos lidos como apologistas da loucura, o que não é nossa intenção. Todavia, pelo menos por agora, preferimos assumir esses riscos temporariamente, acreditando que nos faremos melhor entendidos mais adiante...



resume a máquinas e produções: máquinas de máquinas, de funcionário binário (uma se acopla à outra), e produção de produções (o produzir enxertado no produto):

O desejo não cessa de efetuar a acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz escorrer, escorre e corta. [...] Fluxo de cabelo, fluxo de baba, fluxo de esperma, de merda ou de urina que são produzidos por objetos parciais [glândulas salivares, testículos, intestino, bexiga...], constantemente cortados por fluxos, recortados por outros objetos parciais. [...] Todo "objeto" supõe a continuidade de um fluxo; todo fluxo, a fragmentação do objeto (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 20).

Podemos nos definir como um conjunto de máquinas desejantes, cuja soma nos transforma em organismo. No entanto, o corpo sofre, porque esse movimento é descontínuo, interminável, às vezes, sufocante; o corpo quer se libertar, interromper esse processo, criar outra organização:

De certa maneira, seria melhor se nada andasse, nada funcionasse. Não ter nascido, sair da roda dos nascimentos, nem boca para mamar, nem ânus para cagar. [...] "Uma pausa incompreensível e bem certa" no meio do processo, como terceiro tempo: "Nem boca. Nem língua. Nem dentes. Nem laringe. Nem esôfago. Nem estômago. Nem ventre. Nem ânus. Os autômatos se imobilizam e deixam subir a massa inorganizada que eles articulavam. O corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 22-23).

Esse Corpo Sem Órgãos a máquina capitalista não aguenta, ela o repudia, quer conjurá-lo. Porque ela carrega consigo a potência de uma verdade insuportável para o capitalismo: a possibilidade de interromper a produção. Mais uma vez, entretanto, o capital consegue se infiltrar no corpo pleno sem órgãos. O que antes cessava e era disjunção entre máquinas, agora, reaparece sobre a forma de registro: a lógica maquinica, de síntese conectiva, é sobrepujada pela lógica do Corpo Sem Órgãos, de distribuição e registro. O capital é reintroduzido no jogo pelo deslizamento das máquinas, não mais se busca conectar capital e trabalho, mas destacar o trabalho e colocar o capital como superfície de registro. O capital se torna, assim, um ser misterioso, anel de uma serpente, não mais buraco de toupeira. Porque tudo parece nascer dentro dele e pertencer-lhe. O dinheiro é o mecanismo de inscrição e registro de tudo: ele está em toda parte, e tudo carrega a sua marca.

Disjunção e registro. Como exemplo, a sexualidade: a disjunção – presságio de um Corpo Sem Órgãos ansioso por se fazer – está precisamente no desarranjo entre o desejo e o prazer: as formas conectivas entre os dois, prescritas pela moral (casamento monogâmico, relações heteronormativas...) são conjuradas, subvertidas. Aparecem, então, as formas desconexas: as relações homoafetivas, a mulher que reivindica o prazer... O capital, num primeiro momento, não sabe o que é isso, não conhece essas disjunções, a menos que consiga registrá-las. O registro permite envenenar o corpo sem órgãos que havia se formado, lançar-lhe novamente no interior de uma economia política: agora, o homem pode amar outro homem, desde que o faça em locais e

situações determinadas (nascimento do homossexual e de uma minoria organizada que vai lutar por seus direitos); a mulher se torna sujeito do seu próprio prazer, desde que siga o protocolo social que a ela foi destinada e que, ao mesmo tempo, a faz obter um prazer domesticado e entrar na esteira infalível do capital.

Mais uma vez, a loucura: ela está próxima da crítica e subversão em estados brutos; não se deixa enganar pelos jogos de registro e inscrição. O sujeito que experimenta a loucura é impelido a um não lugar, ele se desprende de todas esses aborrecimentos, consegue, ao preço da sua própria vida mental, livrar-se de todas as formas de opressão. A reintrodução da máquina capitalista, o registro do louco, é impossível – pelo menos, para o louco que é processo, não entidade<sup>5</sup>. O esquizofrênico é o que melhor representa esse conjunto de impossibilidades: o delírio, de alguma forma, liberta o sujeito, torna difícil a sua domesticação. Se a psicanálise é a que mais chega perto de vigiar as mentes inconformadas, com a sua insistência em universalizar o Édipo e inscrever o inconsciente como se fosse um teatro antigo<sup>6</sup>, ela ainda é insuficiente para dar conta da psicose em geral, e do delírio em particular. A triangulação edipiana é rebatida pelo esquizofrênico, que “ora entra no jogo, e até acrescenta algo” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 30.), ora termina por implodir todo o sistema: “sim, é minha mãe, mas minha mãe é justamente a Virgem”; “Eu, Antonin Artaud, eu sou meu filho, meu pai, minha mãe e eu” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 30.)

O esquizo dispõe de modos de marcação que lhe são próprios, porque dispõe primeiramente de um código de registro particular que não coincide com o código social, ou que só coincide para fazer sua paródia” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 31)

Não queremos, com isso, romantizar a loucura. É evidente que ela provoca um imenso sofrimento para aquele que a experimenta e para os que com ele convivem (familiares, amigos e outros). A nossa defesa, aqui, é da lógica esquizo e daquilo que ela anuncia, daquilo que se inscreve justamente na injunção entre a loucura e a revolução, e não daquilo em que a loucura geralmente desemboca. Num processo esquizo, o programa revolucionário se inscreve antes de se “entrar” efetivamente na loucura, como a única possibilidade de salvação: salvação contra o fascismo capitalístico e contra a própria loucura. Por isso, fala-se da loucura como um processo, não como uma entidade:

<sup>5</sup> Deleuze e Guattari (1976) diferenciam a loucura enquanto processo – cuja lógica poderia ser levada adiante – e a loucura enquanto entidade – aquela dos “loucos parciais”, os sujeitos que têm o seu processo interrompido em favor de uma clínica que vai atá-lo novamente às formas de socialização que ele, justamente, não conseguiu suportar.

<sup>6</sup> Para uma boa apreciação do tema, ver Guattari (1988).

Sim, uma escola de esquizofrenia não seria mal. Liberar os fluxos, ir cada vez mais longe no artifício: o esquizo é alguém descodificado, desterritorializado. Dito isto, não somos responsáveis pelos contrassensos. [...] Nós colocamos um problema bem simples, semelhante ao de Burroughs a propósito da droga: será que é possível captar a potência da droga sem se drogar, sem se produzir como um farrapo drogado? É a mesma coisa para a esquizofrenia. Nós distinguimos a esquizofrenia enquanto processo e a produção do esquizo como entidade clínica boa para o hospital: os dois estão antes em razão inversa. O esquizo do hospital é alguém que tentou alguma coisa e falhou, desmoronou. Não dizemos que o revolucionário seja esquizo. Afirmamos que há um processo esquizo, de descodificação e de desterritorialização, que só a atividade revolucionária impede de virar produção de esquizofrenia. Colocamos um problema que concerne à relação estreita entre o capitalismo e a psicanálise, de um lado, e entre os movimentos revolucionários e a esquizoanálise, de outro. Paranoia capitalista e esquizofrenia revolucionária; podemos falar assim porque não partimos de um sentido psiquiátrico desses termos, ao contrário, partimos de suas determinações sociais e políticas, de onde decorre sua aplicação psiquiátrica apenas em certas condições. A esquizoanálise tem um único objetivo, que a máquina revolucionária, a máquina artística, a máquina analítica se tornem peças e engrenagens umas das outras. Para tomar ainda uma vez o caso do delírio, parece-nos que ele tem dois polos, um polo paranoico fascista e um polo esquizo-revolucionário. Ele não para de oscilar entre esses polos. [...] Quanto a ser responsável ou irresponsável, não conhecemos esses termos, são noções de polícia ou de psiquiatria forense (DELEUZE, 1992, p. 35-36).

Desterritorializados, poderíamos todos cair no mundo, na rua, no meio do redemoinho. Pacto com o diabo não será necessário: a esquizoanálise aparece aqui para recuperar aquilo que a psicanálise trouxe de mais importante e inovador, e que, no entanto, oxidou com a caretice egóica: a descoberta do inconsciente. No projeto esquizoanalítico, o inconsciente não se curva à triangulação edipiana; antes, ele deve ser lido em termos sociais, e não familiares. Ele deve ser colocado a favor de uma construção política revolucionária, e não rebaixado ao universo familiar e pessoal do indivíduo, servindo apenas para que o sujeito se sinta menos culpado de algo ou aceite sem grandes questionamentos os resíduos burgueses (“nunca é possível se livrar disto”; “você precisa escolher entre isto e aquilo” etc.).

Assim, é necessário que se invista a libido de objetivos de luta social. É preciso reconhecer no desejo uma força tão primária e fundamental de se situar no mundo – e, por conseguinte, de transformá-lo – quanto as já tão conhecidas formas econômicas, políticas e sociais. Ou seja, a mudança precisa se dar num ataque conjunto tanto do front político-econômico (novas formas de organização, produção, distribuição etc.) quanto do front dos desejos (reconhecimento das formas de fascismo capitalístico e ruptura com elas).

Precisamos, então, multiplicar os grupelhos <sup>7</sup>, e não estimular uma luta entre eles. Uma multiplicidade de grupelhos, de organizações temporárias, sempre se multiplicando e se desfazendo à medida que são registrados e cooptados pelas formas

<sup>7</sup>Grupelho: no Brasil, eram “os grupos de dissidência do partido comunista na década de 60 – anarquistas, trotskistas, guevaristas, maoístas” etc. O termo é utilizado por Guattari com dois sentidos: é, ao mesmo tempo, um termo pejorativo e a afirmação de uma posição política: “somos todos grupelhos: a subjetividade é sempre de grupo, é sempre uma multiplicidade que fala e age, mesmo que seja numa pessoa só” (GUATTARI, 1981, notas do tradutor).

biopolíticas... Tática de guerra: substituir as velhas e opressoras instituições – a burguesia, a família, a escola, o sindicato, o clube esportivo etc. Novas instituições e novas formas organizativas precisam surgir, os grupos de base, as comunas:

O indivíduo tal qual foi moldado pela máquina social dominante é demasiado frágil, demasiado exposto às sugestões de toda espécie: droga, medo, família, etc. Num grupo de base, pode-se esperar recuperar um mínimo de identidade coletiva, mas sem megalomania, com um sistema de controle ao alcance da mão; assim, o desejo em questão poderá talvez fazer valer sua palavra, ou estará talvez mais em condições de respeitar seus compromissos militantes (DELEUZE, 1992, p. 17).

Um bom exemplo de grupo de base consiste nos sistemas autogestionários: eles podem colocar em relevo o desejo e o sujeito, a palavra e a ação; eles carregam potencialidades de operacionalizar uma ruptura com as formas minúsculas de opressão presentes nas hierarquias da família, da fábrica, das prisões etc.

#### 4. OPRESSÃO X RESISTÊNCIA

Retomemos Agamben (2002). O que ele visualiza é um Estado de Exceção, que se apresenta, na verdade, como um paradigma de governo, e que teria seu funcionamento pautado somente em casos de exceção (por exemplo, o estado de sítio) como regra geral. A falácia da busca pela segurança, da defesa pela paz, do combate à violência é que move o poder soberano a agir fora dos mecanismos jurídicos, suspendendo o direito, a norma e a lei. Portanto, estabelece-se, assim, um estado de exceção permanente. Um exemplo recente é a política externa das potências europeias e estadunidense que, em nome de uma suposta “luta contra o terrorismo e a favor da democratização”, utilizam esse recurso para promover invasões e incitar o medo em civis: todos e cada um são um alvo em potencial. Sob a alegação de estar “colaborando com o terrorismo”, qualquer cidadão pode a qualquer momento ser destituído dos seus direitos constitucionais. Práticas análogas foram adotadas no Brasil por ocasião das manifestações de rua de 2013: sob a alegação de defender a democracia e a liberdade de expressão, o Estado tupiniquim travou uma truculenta e covarde luta contra os que intitulou de “vândalos” e “criminosos”, desrespeitando as premissas mais fundamentais dos direitos humanos... Todos e cada um viraram alvo da ira da polícia: bastava estar na rua e portar uma garrafa de vinagre...

No entanto, essas práticas de suspensão de direitos não são nenhuma novidade, e são, inclusive, velhas conhecidas no campo da loucura. Além das formas coercitivas incitadas pela psiquiatria clássica e pela economia política, bastante examinadas por Foucault (2009) em sua obra *História da Loucura*, Guattari (1981) denunciou a chegada desses novos dispositivos jurídicos de poder ao campo da clínica

médica, por exemplo, ao analisar o Coletivo Socialista de Pacientes (SPK). Tratava-se de um grupo de cerca de 40 doentes mentais que, na década de 1970, juntamente com o Dr. Huber, revolucionaram a teoria e a prática psiquiátricas, desvelando as formas de opressão de que se valia esse tipo de saber. Esse trabalho

[...] se defrontou rapidamente com uma oposição crescente por parte da clínica psiquiátrica – o diretor classificou o grupo de doentes de “coletivo de ódio e agressão”. [Contudo,] tornava-se impossível liquidar o SPK por meios formais e legais. O senado da Universidade [o grupo era uma iniciativa da Universidade de Heidelberg] decidiu recorrer à força pública. O pretexto foi fornecido em julho de 71, por um tiroteio ocorrido nos arredores de Heidelberg. Creditá-lo ao SPK permitia liquidá-lo pelos meios mais brutais. Trezentos policiais armados de metralhadora penetraram nas instalações do SPK; helicópteros sobrevoaram a cidade; brigadas especiais da polícia foram mobilizadas; casas foram revistadas sem autorização; os filhos do Dr. Huber foram tomados reféns; doentes e médicos foram presos. Os autuados foram drogados à força para que aceitassem cooperar com a polícia. O SPK decidiu então dissolver-se. Dois acusados, o Dr. Huber e sua mulher, passaram anos na prisão, com isolamento quase total. Fazendo-os passar primeiro por loucos, depois por terroristas, através de provas de ligação com o grupo Baader-Meinhof, forjadas pela polícia, pôde-se levar o caso a um tribunal de exceção, na linha dos tribunais nazistas (GUATTARI, 1981, p. 32, notas do tradutor).

O que a trágica experiência do SPK nos revela? Não de outro modo, o estado de exceção e a vida nua de Agamben. Sim, essa vulnerabilidade total em que vivemos, a eterna possibilidade de sermos sacrificados sem que isso represente um sacrifício. É o que Agamben chama de vida nua, ou seja, “aquela que qualquer um pode tirar sem cometer homicídio ou aquela que qualquer um pode levar à morte, em que pese seja insacrificável” (AGAMBEN, 2002, p. 18). Não de outro modo, temos um esboço do regime sociopolítico que vem se estabelecendo na sociedade contemporânea: o paradoxo da soberania (exceção como regra), o investimento na vida pelo poder, a falsa universalidade e efetividade do projeto moderno (principalmente com relação aos direitos humanos e à liberdade) e a relação entre povo, nação e democracia (no sentido de que o homem só é portador de direitos a partir do momento em que é um cidadão inserido num corpo político uno e homogêneo). De que serve tudo isso?

Daí podemos melhor entender a dificuldade em se pensar e querer empreender uma Revolução quando a tomamos como algo uno, totalizante e permanente: mesmo que nos fosse possível vencer as minúsculas formas de fascismo que nos contradizem e nos rendem a todo o tempo, como poderíamos nos organizar a ponto de interromper a brutalidade das intervenções de um estado de exceção se, historicamente, essas formas de assujeitamento sempre estiveram presente e se valeram de tanta violência para impedir e neutralizar levantes revolucionários? Como se opor de maneira definitiva a qualquer coisa nesse sistema?

O slogan “Revolução!” transformou-se de sinal de alerta em toxina, uma maligna e pseudo-gnóstica armadilha do destino, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutamos, nunca nos livramos do maligno ciclo infinito que incuba o Estado, um Estado após o outro, cada “paraíso” governado por um anjo ainda mais cruel [...]

Poderia se dizer que esta é uma postura de desespero. O que foi feito do sonho anarquista, do fim do Estado, da comuna, da zona autônoma com *duração*, da sociedade livre, da *cultura livre*? [...] [No entanto], a *revolução* até hoje não nos levou à concretização desse sonho [...] Absolutamente nada, além de um martírio inútil, poderia resultar de um confronto direto com o Estado terminal, esta mega corporação/Estado de informações, o império do Espetáculo e da Simulação. Todos os seus revólveres estão apontados para nós. Por outro lado, com nosso armamento miserável, não temos em que atirar, a não ser numa histerese, num vazio rígido, num fantasma capaz de transformar todo lampejo num ectoplasma de informação, uma sociedade de capitulação regida pela imagem do policial e pelo olho absorvente da tela de TV (BEY, 2001, p. 16-17).

No entanto, não se trata de um pessimismo. Pelo contrário. Se não queremos defender aqui a antiga receita da tomada do poder, também não é o caso de aceitar uma vitória da máquina capitalista totalitária. Talvez, esse seja o maior risco implícito nas análises de alguns intelectuais críticos da nossa época: o de não enxergar ou não atribuir maior importâncias às experiências temporárias e às formas de vida que se reinventam cotidianamente, fazendo frente às práticas de assujeitamento. Como disse Pelbart (2013, p. 18): o discurso de denúncia, “por mais lúcido e 'luminoso' que seja, ajuda a ofuscar justamente as existências que sobrevivem ou se reinventam, com sua discreta luminosidade”.

Trata-se, então, de buscar uma terceira via, a saber: a da criação das táticas de guerra, parciais, nômades, descontínuas; fazer um levante: inventar novas formas de existência, mesmo que efêmeras, mas que se invistam de uma potência capaz de resistir aos efeitos de poder do Estado... Nesse sentido, temos visto vários exemplos de práticas “potencialmente luminosas”. Por toda parte, multiplicam-se grupos e experiências de reinvenção da relação com o mundo e consigo próprio: ativistas da mobilidade urbana (cicloativistas, movimentos organizados a favor da tarifa zero para o transporte público...), intervenções urbanas que propõem outros usos para o espaço público<sup>8</sup>, ocupações temporárias de espaços abandonados pelo Estado, experiências de performatividade do corpo e grupos que propõem a desconstrução das categorias de gênero<sup>9</sup>, práticas de Permacultura, Ecovilas<sup>10</sup> e Economia Solidária<sup>11</sup>, e que criticam o modelo contemporâneo de produção e trabalho...

A História diz que uma Revolução conquista “permanência”, ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é “temporário”. Nesse sentido, um levante é uma “experiência de pico” se comparada ao padrão “normal” de consciência e

<sup>8</sup> Ver, a título de ilustração, o Park(ing) Day (Disponível em: <<http://parkingday.org>> e em <<http://greatergreaterwashington.org/post/3585/parking-day-reminds-us-how-society-shapes-public-space/>>); e o Praia da Estação, movimento horizontal de ocupação da Praça da Estação, em Belo Horizonte (Disponível em: <<https://pracalivrebh.wordpress.com/category/prai-da-estacao/>>).

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, o Manifesto Contrassexual, de Beatriz Preciado (PRECIADO, 2014), ou os comentários a respeito do pós-anarquismo e as práticas contrassexuais de ciborgues na dildotopia, de Lena Eckert (2012).

<sup>10</sup> Sobre Permacultura, ver Silva (2013), que debate tanto sobre as contradições que a permacultura encontra a partir de sua inserção em uma sociedade capitalista quanto sobre o potencial que pode ela oferecer à construção de um utopismo dialético norteado por uma nova práxis ambiental

<sup>11</sup> Para uma visão geral da temática, ver França Filho (2007). Além disso, ver como exemplo a experiência da central de cooperativas venezuelanas (Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ujH2AAKk\\_v4](https://www.youtube.com/watch?v=ujH2AAKk_v4)>).

experiência. Como os festivais, os levantes não podem acontecer todos os dias – ou não seriam “extraordinários”. Mas tais momentos de intensidade moldam e dão sentido a toda uma vida [...] algo mudou, trocas e integrações ocorreram – foi feita uma diferença (BEY, 2001, p.16).

## 5. CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO AS FINAIS (OU: A SAÍDA, ONDE ESTÁ A SAÍDA?)

Buscamos, até aqui, interrogar as práticas e discursos que defendem alguma forma de transformação totalizante da realidade social. É que essas práticas e discursos, a nosso ver, estão investidos de uma vontade de verdade que deve ser superada, quer dizer, eles se baseiam numa negação da multiplicidade do mundo a favor de uma tentativa de sua unificação. Ainda somos modernos: negamos a vida presente e exaltamos ideais que estão fora dela: promessas de progresso, felicidade, igualdade, emancipação.... Nesse sentido, a vontade de revolução é também uma forma de niilismo.

Um programa realmente revolucionário, nos dias de hoje, não pode se deixar levar por promessas de emancipação que supostamente se concretizarão num futuro incerto. Precisamos urgentemente inventar novas formas, seguir outras lógicas, falar outras línguas, que não a do poder ou a do capital. Transmutar poder em potência, essa a questão.

Acreditamos que as experiências nômades, de pico, os grupelhos e levantes constituem uma saída mais interessante – e potente – que uma Revolução. Responder à máquina totalitária com outra língua. Contrariamente ao desejo de revolução, afirmamos: não se deve querer o poder, deve-se querer uma sociedade em que a palavra “poder” sequer exista, não tenha mais sentido. O poder representa tudo aquilo que contamina nossas mentes e nossas vidas, é contra ele que devemos lutar:

Apoiando-se sobre noções aparentemente abstratas de multiplicidades, de fluxo, de dispositivos e de acoplamentos, a análise da relação do desejo com a realidade e com a “máquina” capitalista contribui para responder a questões concretas. Questões que surgem menos do porque das coisas do que de seu como. Como introduzir o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida? *Ars erotica, ars theoretica, ars política*. Daí os três adversários aos quais o Anti-Édipo se encontra confrontado. Três adversários que não têm a mesma força, que representam graus diversos de ameaça, e que o livro combate por meios diferentes.

1) Os ascetas políticos, os militantes sombrios, os terroristas da teoria, esses que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da verdade.

2) Os lastimáveis técnicos do desejo – os psicanalistas e os semiólogos que registram cada signo e cada sintoma, e que gostariam de reduzir a organização múltipla do desejo à lei binária da estrutura e da falta.

3) Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (embora a oposição do Anti-Édipo a seus outros inimigos constituam mais um engajamento político): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini – que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas –, mas o fascismo que está em nós todos, que

martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora (FOUCAULT, 1977, s/p).

Dito de outra forma: multiplicar as experiências que possam funcionar como máquinas de guerra: criar formas de vida que forcem o sistema totalitário a recapitular, hackeá-lo, profanar seus dispositivos, sabotar o seu funcionamento, debochar dos seus valores. Trata-se de inocular, pouco a pouco, qualquer veneno subversivo-corrosivo que possa minimamente desajustar a máquina capitalista, de forma a abrir brechas para novas formas de existência.

Trata-se de um programa possível de ser inventado em qualquer contexto: as armas podem ser de flores, de loucos, ou do que melhor nos convier. Mesmo quando não conseguimos ir muito longe e nos percebemos institucionalizados demais, fazendo concessões demais à máquina totalitária, atendendo-lhe suas demandas, sempre é possível inventar linhas de fuga a tudo isso, práticas de resistência que funcionem temporariamente, dando-nos não apenas respiros, mas nos fazendo experimentar o mundo de novas formas e nos transformando gradativamente em algo novo e diferente... Seria preciso levar a efeito uma arte de vida, uma “Estética da Existência”: inventar no cotidiano novas maneiras de se viver; elevar ao infinito as possibilidades de criação, criação efetiva de novos processos de subjetivação e de subjetividade. Essas novas formas precisam ser algo diferente do que já praticamos.

É preciso falar da criação como traçando seu caminho entre impossibilidades... É Kafka quem explicava: a impossibilidade para um escritor judeu de falar alemão, a impossibilidade de falar tcheco, a impossibilidade de não falar. [...] Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível. Como McEnroe, é dando cabeçadas que se acha. É preciso lixar a parede, pois sem um conjunto de impossibilidades não se terá essa linha de fuga, essa saída que constitui a criação, essa potência do falso que constitui a verdade. É preciso escrever líquido ou gasoso, justamente porque a percepção e a opinião ordinárias são sólidas, geométricas (DELEUZE, 1992, p. 166-167).

De um jeito ou de outro, já estava avisado que viver é mesmo uma coisa muito perigosa...

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- BEY, H. **TAZ**: zona autônoma temporária. São Paulo: Conrad, 2001.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- ECKERT, L. Pós(-)anarquismo e as práticas contrasexuais de ciborgues na dildotopia. **Revista Ártemis**, v. 13, p. 90-108, jan./jul. 2012.
- FOUCAULT, M. Introdução à vida não fascista. In: DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Nova Iorque: Viking Press, 1977. [Prefácio à edição americana].



- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 10. ed. Petropolis: Vozes, 1993.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FRANÇA FILHO, G. C. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Cívitas**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jan./jun. 2007.
- GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico**: ensaios de esquizo-análise. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MARX, K; ENGELS, F. **O manifesto comunista**. 5. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 1999, [1848].
- MELAMED, M. **Regurgitofagia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- PELBART, P. P. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento | **Cartography of exhaustion**: nihilism inside out (edição bilingue). São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRECIADO, B. **Testo yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.
- SILVA, L. F. de M e. **Ilusão concreta, utopia possível**: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul). 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

---

***Leonardo Mascarenhas***

Atua nas áreas de arte, educação e economia solidária, entre outras. Desenvolve experimentações no campo das artes visuais e arte-educação, e atividades ligadas à gestão compartilhada e produção colaborativa e em redes. Atualmente é educador da Oi Kabum! BH Escola de Arte e Tecnologia, membro da Coopbreja - cooperativa de produção e consumo de cervejas e pães artesanais, e membro do Grupelho - Grupo de Estudos de Filosofia e Educação, da FaE/UFMG.

---

***Dimitri Toledo***

Economista pela Universidade Federal de São João Del Rei, Mestre em administração pelo Cepead/UFMG na área de Estudos Organizacionais e Sociedade. Pesquisador do NEOS-UFMG (Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade). Doutorando em administração Cepead-UFMG. Professor da UNIFAL, campus Varginha-MG, no curso de administração pública e no mestrado PROFIAP.

---

***Alexandre Carrieri***

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001). Professor Titular UFMG. Coordenador do NEOS - Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade. Atua na linha de pesquisa: Estudos Organizacionais e Sociedade (Cepead). Foi editor da Revista G&S (Gestão e Sociedade). Participou como membro suplente, depois titular e coordenador do Comitê de Assessoramento de Administração, Economia e Contabilidade do CNPq. Foi coordenador da divisão acadêmica de EOR da Anpad.